

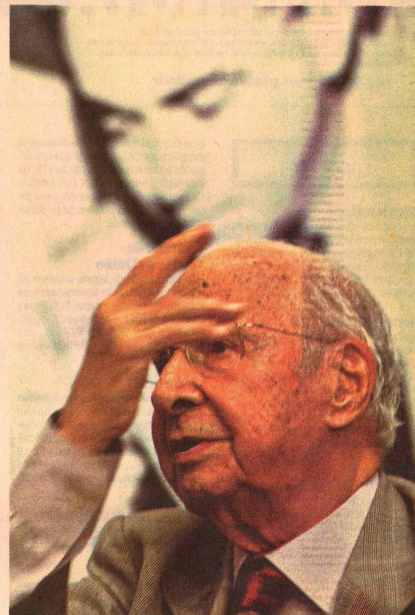
18.5

CIDADES

NA MEMÓRIA, PARA SEMPRE

Arquivo Público grava relatos de quem viveu as emoções do desafio de plantar no cerrado a nova capital

Fotos: Carlos Vieira/CB



MARCELA DUARTE
DA EQUIPE DO CORREIO

O olhar de quem busca no passado alguma informação, a risada que faz o rosto ficar ainda mais cheio de vida. Não basta apenas ouvir. Observar quem tem histórias para contar sobre a criação de Brasília também é fundamental. E é com a preocupação de que as gerações futuras conheçam o rosto e a vida de quem contribuiu para a formação da cidade e do país que o Arquivo Público do Distrito Federal está gravando depoimentos, em vídeo, com o objetivo de preservar a memória da cidade e do país que o Arquivo

em CD. O trabalho faz parte do Programa de História Oral. Durante a audição para digitalizar as gravações, eles também recuperam o som. Cleoverson Silva, assessor da diretoria de pesquisa, diz que as gravações revelam detalhes que só quem viveu pode contar. "É emocionante. Embora eu escute as gravações buscando ruídos, tentando melhorar a qualidade do som, estou aprendendo muito. É fascinante escutar as pessoas e a riqueza de informações que cada uma traz", comenta.

Segundo a diretoria de pesquisa do Arquivo Público do DF,

ERNESTO SILVA SE EMOCIONOU AO CONTAR A PRIMEIRA VEZ QUE PISOU NA ÁREA DA NOVA CAPITAL: "VIMOS O HORIZONTE"

um leve sorriso no rosto, como foi bonito ver o céu do ponto escolhido para abrigar a capital. "Vimos o horizonte. O céu maravilhoso, sem nuvens nos impressionou."

O pioneiro se lembrou do marechal José Pessoa e de um dos líderes políticos de Goiás, José Ludovico, que o acompanharam na sua primeira expedição à terra que um dia seria Brasília. "Muito se fala em Juscelino Kubitschek, mas sem o trabalho desses homens não se teria construído Brasília", afirmou. Segundo o superintendente do Arquivo Público do Distrito Fe-

lia. Disse que vai viajar pela Europa com a mulher e, quando voltar, acabará a prosa", explicou Luiz Mendonça. Desde abril, quando começaram as gravações em vídeo, já fizeram seus relatos o escritor, jornalista, historiador e musicólogo Ricardo Cravo Albin, e os coronéis Luiz Carlos Guedes e Afonso Heliodoro. De acordo com Luiz Mendonça, o trabalho é demorado, mas é preciso correr contra o tempo. "Não podemos deixar que a história morra. Antônio Carlos Magalhães era um dos que gostaríamos muito de ter aqui", afirmou.

de ouvir. Observar quem tem histórias para contar sobre a criação de Brasília também é fundamental. É com a preocupação de que as gerações futuras conheçam o rosto e a vida de quem contribuiu para a formação da cidade e do país que o Arquivo Público do Distrito Federal está gravando depoimentos, em vídeo, para o futuro Museu Nacional da Imagem do Som. Na tarde de ontem, foi a vez de Ernesto Silva imortalizar suas histórias. O pioneiro demonstrou entusiasmo com a colaboração: "É imprescindível que se faça. O povo que não cultua a sua história não merece cidadania", alertou.

Além dos vídeos, técnicos do Arquivo Público estão digitalizando depoimentos gravados desde 1987 em fita K7 e gravando

de contar. É emocionante. Embora eu escute as gravações buscando ruídos, tentando melhorar a qualidade do som, estou aprendendo muito. É fascinante escutar as pessoas e a riqueza de informações que cada uma traz", comenta.

Segundo a diretora de pesquisa do Arquivo Público do DF, Silvia Viola, além de relatos de engenheiros, outras pessoas que viveram a aventura da construção da nova capital, como topógrafos, pedreiros, mecânicos, faxineiras também deixaram seus relatos nas fitas que estão sendo recuperadas. "Todos contam suas histórias. É triste pensar que muitos morreram, mas o que eles viveram aqui, eles deixaram para nós", afirmou. Cerca de 240 fitas já estão digitaliza-



ERNESTO SILVA SE EMOCIONOU AO CONTAR A PRIMEIRA VEZ QUE PISOU NA ÁREA DA NOVA CAPITAL: "VIMOS O HORIZONTE"

das, mas faltam ainda 80 depoimentos. Os técnicos calculam 800 horas de depoimentos.

Céu maravilhoso

No auditório da Novacap, o Setor de Áreas Públicas (SAP), Er-

nesto Silva falou sobre parte de sua infância, sua formação acadêmica e o convite para fazer parte da Comissão de Planejamento da Construção e Mudança da Capital Federal. Contou também, nesse momento com

líderes pontuais de Goiás, José Ludovico, que o acompanharam na sua primeira expedição à terra que um dia seria Brasília. "Muito se fala em Juscelino Kubitschek, mas sem o trabalho desses homens não se teria construído Brasília", afirmou. Segundo o superintendente do Arquivo Público do Distrito Federal, Luiz Ribeiro de Mendonça, histórias contadas por pioneiros como Ernesto Silva são tesouros inestimáveis. "Imaginem se tivéssemos recursos para gravar depoimentos de Sócrates, Santos Dumont, Jesus Cristo... É a história contada por quem a fez", avalia.

O depoimento de Ernesto Silva durou três horas. "Ele nos contou até a decisão de construir a Universidade de Brasília"

Arquiteto Grávy Afim, e os colonos Luiz Carlos Guedes e Afonso Heliodoro. De acordo com Luiz Mendonça, o trabalho é demorado, mas é preciso correr contra o tempo. "Não podemos deixar que a história morra. Antônio Carlos Magalhães era um dos que gostaríamos muito de ter aqui", afirmou.

O trabalho de gravar e transformar fitas em som digital faz parte do início da formação do acervo do Museu Nacional da Imagem e do Som, que deverá ser construído em Brasília. "Não dá para falar em prazos, mas os projetos já estão sendo pensados por Oscar Niemeyer", comemora Luiz Mendonça. O museu terá ambientes climatizados para guardar com segurança fitas de vídeos, CDs e DVDs.

Arquivo Público do Distrito Federal/Reprodução



Carlos Eduardo/CBR/Reprodução



Adauto Cruz/CBR/Reprodução



REGISTROS DA PRIMEIRA MISSA, REZADA EM 1957, NA ÁREA ESCOLHIDA PARA ABRIGAR A NOVA CAPITAL DO PAÍS: CERIMÔNIA É RECRIADA TODO ANO, NO DIA DO ANIVERSÁRIO DE JK

COMO NA PRIMEIRA MISSA

Tenda de lona no lugar de um teto de alvenaria. Em 12 de setembro, o Arquivo Público realizará mais um evento para ajudar a manter viva a memória da cidade. Pela sexta vez, a primeira missa oficial será recriada no canteiro central do Eixo Monumental. A primeira missa foi rezada em 3 de maio de 1957. Mas passou a ser celebrada em 12

de setembro, em homenagem ao aniversário de Juscelino Kubitschek. Este ano, não será diferente. A tenda, parecida com a primeira, de lona verde-musgo, será erguida no canteiro central, próximo ao Memorial JK.

As armações de madeira também estarão de pé. O objetivo é chegar bem perto do que foi feito em 1957, quando

era preciso passar pelo cerrado para chegar até o Cruzeiro e rezar. Todos os anos, a missa reúne devotos de Nossa Senhora Aparecida, padroeira de Brasília, pioneiros e autoridades. No próximo mês, a missa será celebrada pelo arcebispo de Brasília, dom João Braz de Aviz. "É mais uma forma de lembrar o passado. É muito importante recriar o que se viveu na-

quela época", diz Luiz Mendonça.

Embora reconheçam a importância da celebração na data do aniversário de JK, Luiz Mendonça e Ernesto Silva compartilham a idéia de que seria melhor manter a data original. "A homenagem é justa, mas alterar a data pode trazer algum prejuízo para a história", acredita o superintendente do Arquivo Público.